



RODRIGO RODRIGUES

# LONDON LONDON

O único guia para conhecer Londres  
utilizando o metrô



UNDERGROUND



FARO  
EDITORIAL

**RODRIGO RODRIGUES**

MIND THE GAP



**LONDON  
LONDON**

*O único guia para conhecer Londres utilizando o metrô*

# APRESENTAÇÃO

Paulo Ricardo Medeiros

*I'm wandering 'round and 'round, nowhere to go. I'm lonely in London, London is lovely so...*

## **FIZ MEUS ESSES VERSOS DE CAETANO EM MEU EXÍLIO**

voluntário em 1983. Vivi na pele a frieza, a tristeza, a solidão, a grama verde e os olhos azuis da canção. Filho da revolução, entre Diretas Já, a crítica musical e a efervescência do novo rock brasileiro, buscava meu DNA, minha lenda pessoal, meu passado, presente e futuro. Depois de três anos cursando Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes na USP, várias colaborações em revistas especializadas e duas bandas fracassadas, fui para Londres na esperança de me encontrar, de encaixar as peças soltas do quebra-cabeça, a régua e o compasso que a Bahia deu a Gil. Num mundo pré-globalização, pré-internet e em plena Guerra das Malvinas, não era brasileiro, não era estrangeiro. Minha vida era uma folha de papel em branco e eu não sabia nem mesmo em que língua iria começar.

De posse das revistas, uma carta da USP e outra das gravadoras, consegui sem problemas o meu *press card* na *National Union of Journalists*. Estava prestes a começar uma jornada que eu não tinha a menor ideia de como poderia terminar. Mas, como diz o Tao, o importante é o caminho, não o destino. E Londres era meu caminho e meu destino, o epicentro da cultura pop no mundo, meu mestrado, meu rito de passagem. Londres me forjou, me moldou, me ensinou e me transformou. Bebia cada gota daquela garoa, cada *pint of lager* em cada *pub*, cada show em cada biboca, de Ian Gillan no *Marquee Club* a Charlie Watts no *100 Club* em Oxford. De David Bowie em sua *Serious Moonlight Tour* em *Wembley Arena* a U2 no *Hammersmith Palais*. Entrevistei o Culture Club. Estive na festa em um barco no Tâmis onde o *Spandau Ballet* comemorava o sucesso de “True”.



Desbravei a noite londrina com meu amigo Geraldo D'Arbilly, brasileiro, baterista do Blue Rondo a la Turk. Fui ao *Cavern Club* em Liverpool. Foda. Em Londres, fui pedir um visto para conhecer New York. Negado. Tentei de novo. Consegui. Echo & The Bunnymen no *Peppermint Lounge*. Em Paris, Alceu Valença. O mundo estava a meus pés. Era, naquele momento, londrino desde criancinha.

Mas a hora da verdade, o momento de decisão, o *turning point*, chegara na forma de uma banda que me convidou para assumir os vocais. O que fazer? Tornar-me definitivamente um *englishman*, deixar pra trás aquele caos psicotropical e mergulhar de cabeça no *techno pop new romantic* que explodia ou voltava ao terceiro mundo e executava o projeto (RPM) que vinha desenhando, por correspondência(!), há meses com Luiz Schiavon?

O resto é história. Meu querido Rodrigo agora vai dividir sua Londres com vocês. E a saga continua. “While my eyes go looking for flying saucers in the sky...”



#### Soundtrack

*London, London* – RPM

# LONDON CALLING

## O TERCEIRO DISCO DO *THE CLASH* DIZ TUDO: LONDRES

está chamando. Na verdade, Londres sempre me chamou. Desde que, com 8 anos, descobri uma coletânea em vinil dos *Beatles* na coleção dos meus pais. Mas só fui atender ao chamado décadas depois, já devidamente seduzido pela cultura britânica: a música, os filmes, a moda. Incrível como um país consegue unir a tradição da família real ao swing que explodiu nos anos 60 e segue até os dias de hoje.

Adiei a viagem pelos mais variados motivos: durante algumas temporadas trabalhei como guia na Flórida, no complexo Disney. De outras tantas férias simplesmente abri mão por algum projeto em TV. Sem contar as que fiquei escrevendo e revisando os livros anteriores que publiquei. E a agenda da minha estimada banda de trilhas de cinema, *The Soundtrackers*, que não para. São shows, ensaios, gravações de CD e DVD e coisa e tal. Mas um dia resolvi dar um basta. Falei pra mim: nas próximas férias vou pra Londres, tchau. Claro que aproveitei e também dei um pulo em Paris, mas isso é assunto para outra página aqui do guia, mais precisamente a da estação King's Cross St. Pancras.

*Underground. The tube.* É assim que o inglês chama o metrô. Nada de *subway*, por favor. Isso é coisa de





americano. E o bacana do *tube* é que ele percorre 402 km de Londres através de 270 estações e 11 linhas. Ou seja, dá pra conhecer a cidade quase toda entrando e saindo do centenário trem. Daí a ideia do livro: usar o metrô como local de partida e listar os pontos turísticos próximos às 40 *stations* selecionadas depois de muita pesquisa e algumas cabeçadas. Trocando em miúdos, é o guia que eu gostaria de ter comprado antes de ir pela primeira vez. Dei muitas voltas desnecessárias porque não sabia, por exemplo, que eu poderia ter me programado pra conhecer numa tacada só: *Tower of London*, *Tower Bridge* e ainda fechar o dia fazendo o macabro *Jack the ripper* tour, Ou então que, pra conhecer *Wimbledon*, eu não deveria soltar em *Wimbledon*, e sim em **Southfields**. Fora as típicas pegadinhas: Para o estádio do *Chelsea*, desça em **Fulham**. Para o do *Fulham*, desça em **Putney Bridge**. E por aí vai.

É isso, estimado viajante e ativo leitor. Na verdade estou dividindo meu diário de bordo com você, todo ilustrado só com fotos que fiz com o celular. Usei meu olhar de jornalista cultural-esportivo e ex-guia pra fazer esse recorte pop da cidade que, literalmente, chama o turista: vá aos pontos mais tradicionais, assista aos musicais do *West End*, conheça os moderníssimos estádios do futebol inglês, faça os caminhos dos *Beatles*, vá às compras na *Harrods*, descubra onde Jack — o estripador atacou suas vítimas e termine o dia saboreando um *fish & chips* em algum restaurante do Jamie Oliver. Tudo de metrô, claro. E já pode ir se acostumando ao aviso que desde 1923 ecoa pelos túneis com aquele inconfundível sotaque britânico: *Miiiiind the gap*.

# UNDERGROUND

**QUANDO O PRIMEIRO SENSO FOI ENCOMENDADO, EM 1801,** quase um milhão de pessoas viviam em Londres. A capital do Reino Unido era a maior, mais rica e populosa cidade do planeta. Tinha o porto mais movimentado do mundo, o trânsito no Tâmesa era intenso. E, na época, existiam apenas três pontes atravessando o rio, o que dificultava o comércio. Em 1815, o primeiro barco levando passageiros foi finalmente introduzido. As ruas eram movimentadíssimas, quase todo mundo andava a pé, um formigueiro humano. Até que alguns meios de transportes puxados por cavalos, copiados de Paris, foram aparecendo: o *cab*, abreviação de *cabriolet*, e o *omnibus*, do latim “para todos”.

Não tinha jeito, a revolução no sistema de transportes teria que vir mesmo pelos trilhos: em 1836 era inaugurada a primeira linha de passageiros: *London & Greenwich Railway*. O *boom* das linhas de trem durou quase uma década; a expansão era inevitável e indispensável. E, como o acesso dos subúrbios à metrópole estava garantido pelos trens, cada vez mais gente circulava pelas já lotadas vias, os meios de locomoção não davam mais vazão. O caos estava instalado. Em 1846, pouco mais de 15 anos antes da inauguração do metrô londrino, os especialistas em mobilidade urbana alertavam:

*If things continue in this way, we shall have to double deck the entire city.*



Da força de expressão, veio a solução: como “dobrar” a cidade não seria possível, o jeito era ir por baixo. Em 1860, o trabalho começou, a *Metropolitan Railway* foi encarregada da missão. Três anos depois, mais precisamente no dia 10 de janeiro de 1863, o trecho que ligava as linhas de trem periféricas ao centro através de túneis, literalmente *underground*, foi inaugurado: *Paddington-Farringdon*. Nascia, assim, o primeiro sistema de metrô do mundo. Cinco anos depois, veio a segunda linha, a *District*. As duas só foram conectadas em 1884, criando a até hoje meio confusa *Circle*



*line*. O plano original era que as duas companhias concorrentes operassem a novidade em parceria, mas a rivalidade entre os respectivos presidentes, Sir Edward Watkin (*Metropolitan Railway*) e James Staats (*District*), não permitiu. Até que, em 1890, mais uma virada aconteceria: entrava em cena a *City & South London Railway*, primeira a usar eletricidade nos trens.

Foi uma revolução no sistema, apesar de lenta. Não havia verba pública para tal modernização, e os investidores privados ainda não sentiam muita firmeza no retorno financeiro do metrô. Até que Charles Tyson Yerkes, um empreendedor americano que fez fortuna com malha ferroviária em Chicago, entrou na parada. Ele inaugurou a UERL (*Underground Electric Railways Company of London*), em 1902, e a coisa mudou de figura. Conforme o sistema crescia, aumentava também a demanda do povo londrino por um serviço melhor e mais organizado. Mas, como era difícil coordenar a encrenca com tantos interesses e empresas conflitantes, era hora de unificar o serviço.



E isso aconteceu em 1914, quando o *Underground Group* começou a dominar a operação, mas ainda sob a batuta da iniciativa privada. Só em 1933, com a criação da *London Transport*, o transporte público ficou debaixo da asa do governo. Dessa fase vem a caprichada identidade visual: desde a arquitetura das estações, passando pelos inovadores *posters* e até o famoso logotipo “red disc” usado até hoje. O responsável por tudo isso atende pelo nome de Frank Pick, diretor-executivo e vice-presidente do *London Passenger Transport Board* até 1940. O logo clássico pode ser visto até hoje em algumas estações, como *Maida Vale* e *Boston Manor*. Anterior a esse período, vale destacar o icônico trabalho do arquiteto Leslie Green, que assinou estações como Covent Garden, Leicester Square e Camden Town, pra citar apenas três. Mas é fácil reconhecer: a fachada de tijolos aparentes estilo *oxblood* são inconfundíveis.

O mapinha que você pega grátis nas estações, merece um parágrafo à parte. De 1908, surge o primeiro, publicado pela UERL em conjunto com as outras quatro empresas que usavam a marca *Underground*. Mas a versão consagrada data de 1931, proposta por Harry Beck. De cara, as autoridades estranharam o diagrama composto por um emaranhado de linhas coloridas sem nenhuma referência geográfica. Mas o público entendeu a proposta de cara e adorou a novidade. O desenhista seguiu atualizando o trabalho até 1960, quando foi dispensado e teve a ideia adulterada por outros profissionais, o que gerou uma longa e desgastante disputa legal para o autor. Em 1997, veio a homenagem póstuma: a frase “This diagram is an evolution of the original design conceived in 1931 by Harry Beck”, impressa em cada mapa produzido desde então.

Na virada do século, o *London Transport* foi adquirido pela *Transport for London*, órgão submetido à prefeitura que opera até os dias atuais. Em 10 de janeiro de 2013, o metrô de Londres completou 150 anos de existência. Nesse dia, eu estava dentro de um dos trens, tendo a ideia de escrever este guia.



**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2014**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Revisão **MÔNICA VIEIRA E FERNANDA GUERRIERO ANTUNES**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Foto de capa **ADAM GAULT | GETTYIMAGES**

Fotos **RODRIGO RODRIGUES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Rodrigues, Rodrigo

London London: O único guia para conhecer Londres utilizando o metrô /  
Rodrigo Rodrigues ; fotografias do autor. — São Paulo : Faro Editorial, 2014.

ISBN 978-85-62409-20-2

1. Londres (Inglaterra) - Descrição e viagens - Guias 2. Metrô I. Título.

14-05744

CDD-914.212

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Londres : Inglaterra : Guias de viagem 914.212
2. Guias de viagem : Londres : Inglaterra 914.212



---

2ª edição brasileira: 2015

Direitos desta versão em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – sala 1702 – Alphaville – Barueri – SP – Brasil  
CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4134-4444  
www.faroeditorial.com.br